

COMUNICAÇÕES - PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTOS EM QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

O QUE PODE UMA SOCIEDADE CIENTÍFICA NO ENFRENTAMENTO DE QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: PENSANDO A SOCINE

Ramayana Lira De Sousa (ramayana.lira@gmail.com)

Alessandra Soares Brandão (alessandra.b73@gmail.com)

A Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) existe desde 1999, agregando pessoas pesquisadoras e profissionais do campo do cinema e do audiovisual inseridas em diversas áreas de conhecimento, incluindo comunicação social, letras, artes, história e educação. Com a ampliação do universo das graduações e pós-graduações voltadas a esse campo, houve um sensível incremento no número de pessoas pesquisadoras e uma maior visibilização da diversidade de pontos de vista, metodologias e epistemologias. Hoje, a SOCINE tem quase 1600 associações ativas (com notável paridade de gênero: 44% mulheres, 44,6% homens e 11,4% não informado), número que reflete apenas a regularização pelo pagamento da anuidade, mas que é bem maior quando abarca as pessoas cadastradas (em torno de 3500). Uma das características da entidade é sua capacidade de acolher as questões contemporâneas, entre elas as relativas a gênero, raça, sexualidade, deficiência e classe não apenas quando tomadas nas pesquisas acadêmicas e artísticas apresentadas, mas, também, na gestão. Assim, esta apresentação tem como objetivo principal apresentar e discutir de maneira crítica a introdução de temáticas relacionadas a gênero e sexualidade no escopo dos encontros anuais da SOCINE, dando especial atenção aos

Seminários Temáticos Cinema Queer e Feminista (2015-17), Mulheres no cinema e audiovisual (2017-19), Cinemas mundiais entre mulheres: feminismos contemporâneos em perspectiva (2020-22) e Tenda Queer (2023-24) e as políticas implementadas pelas diretorias e conselhos da SOCINE na última década no enfrentamento de questões de gênero e sexualidade. Partindo de dados e informações coletadas através de depoimentos de membros da diretoria e dos conselhos e de pesquisa documental, analisamos o alcance e os limites de uma série de ações tomadas pela entidade. Tomamos como gesto metodológico as indicações de Sara Ahmed quando se interessa não pelo o que os documentos dizem, mas pelo o que eles fazem (como circulam e se movem) (Ahmed, *On being included*, 2012). Debruçamo-nos sobre as pesquisas de perfil demográfico, editais de prêmios de dissertações e teses, estatuto e atas para entender seus movimentos e mobilizações e a capacidade de oferecer respostas às preocupações que surgem em depoimentos e entrevistas sobre as políticas de inclusão e diversidade. Por fim, concluímos com uma crítica feminista (Ahmed, Haraway, Abreu) que posiciona as políticas da SOCINE no contexto ampliado brasileiro e que avalia o potencial transformador e multiplicador das ações da entidade em relação com outras instituições.

Palavras-chave: sociedade científica; gênero; políticas; pesquisa.